

PRODUÇÃO DE ALGODÃO

JACKSON DANTAS COELHO

Economista. Mestre em Economia Rural
jacksondantas@bnb.gov.br

CARACTERIZAÇÃO

O algodão (*Gossypium hirsutum latifolium Hucth*) é uma das fibras mais conhecidas no mundo, domesticada há mais de quatro mil anos, no sul da Arábia. Os incas e outras civilizações antigas já o utilizavam por volta de 4500 a.C., com escritos antigos anteriores à Era Cristã indicando seu uso na Índia, Egito, Sudão e toda a Ásia Menor, como produto de primeira necessidade. A palavra algodão deriva do árabe *al-quTum*, idioma do povo que primeiro fabricou tecidos e papéis com essa fibra; a Europa começou a usá-lo regularmente na época das Cruzadas, e no século XVIII, o surgimento de novas máquinas de descaroçamento e de fição fizeram a tecelagem de algodão dominar o mercado mundial de fios e tecidos (AMPA, 2017).

No Brasil, os índios já dominavam o cultivo, fição, tecedura e tingimento de tecidos de algodão antes da chegada dos portugueses, em 1500. Mas estes estavam interessados no cultivo de cana, que exigia mão de obra escrava, que por sua vez, precisava de vestimentas para o trabalho, obrigando os colonizadores ao plantio de alguns hectares de algodão. O cultivo comercial se iniciou em 1760, no Nordeste, com a exportação das primeiras sacas do produto para a Europa, que eram de algodão arbóreo, de fibra longa. O algodão herbáceo, de fibra mais curta e mais produtivo, começou em São Paulo, centro produtor até a safra 1978/1979, sendo superado pelo Paraná, na safra seguinte (AMPA, 2017; CONAB, 2018a).

Até a década de 1980, o Nordeste era uma das três maiores regiões produtoras, mas a ocorrência do *Anthonomus grandis* (o popular “bicudo”) nas plantações jogou a cultura em uma profunda crise, agravada pela longa

seca de 1979-1983 e pelo sucateamento da assistência técnica e extensão rural, fatos aos quais, no início da década de 1990, somou-se a abertura das importações.

Essa crise foi contornada, em parte, pela abertura de novas áreas produtivas no cerrado, primeiro no Centro-Oeste e depois, no Nordeste. Nessas regiões, havia terras planas e baratas, que, com a devida correção agrônômica, somada à experiência e tecnologia dos produtores, aos incentivos governamentais e à pesquisa, poderia ser explorado um grande potencial de produção ainda subaproveitado. Em menos de uma década, o Centro-Oeste se tornou a maior região produtora brasileira de algodão, revertendo a condição do Brasil de segundo maior importador, em 1997, a quinto maior produtor e quarto maior exportador mundial da fibra, em 2016.

Atualmente, a cotonicultura é bastante mecanizada, em seu modo empresarial de produção¹, que atua principalmente na região de cerrado do Centro-Oeste e, no Nordeste, nas regiões de cerrado da Bahia (Oeste), Piauí e Maranhão, com produtores oriundos principalmente do Sul e Sudeste. No Nordeste, há ainda o modo de produção

1 É o adotado em grandes fazendas, que são administradas como empresas, que contam com investimentos consideráveis em infraestrutura de produção e armazenamento. Realizam operações de crédito de custeio e de investimento em valores altos. Utilizam mecanização em larga escala em todas as etapas do processo produtivo, geralmente possuindo assistência técnica própria, tanto para a cultura do algodão como para o maquinário utilizado, e empregam mão de obra especializada.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano J. F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), Leonardo Dias Lima, Wandemberg Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico) e Hermano José Pinho (Revisão Vernacular).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão “Economia Regional”. Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

no semiárido, de pequena escala, comum no sertão do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e sul da Bahia.

A produção do semiárido é bem menor que a do cerrado nordestino, mas nem por isso menos importante, pois há produção de algodão convencional e transgênico em escala empresarial, no Ceará e na Bahia (maior produtor de algodão do Nordeste), e produção de algodão orgânico e agroecológico, no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia, cujos campos de produção são importantes espaços de atuação de institutos de pesquisa nacionais e estaduais, ONGs e projetos governamentais. Estes campos abastecem nichos de mercado como os da União Europeia e de alguns estados do Sul e do Sudeste do Brasil, que negociam por intermédio do comércio justo e pagam preço melhor que o da fibra convencional, exigindo, em troca, a certificação dos produtores.

A Embrapa Algodão, sediada em Campina Grande-PB, apoia iniciativas estaduais voltadas à cotonicultura, a exemplo de recentes tentativas de retomada ocorridas no Ceará. No final de novembro de 2017, foi apresentado ao governo estadual o programa de modernização da cultura do algodão no Ceará, elaborado por especialistas da Embrapa, Secretaria de Secretaria do Desenvolvimento Agrário (SDA), Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará (FAEC), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce), Secretaria da Agricultura, Pesca e Aquicultura (Seapa), Agência do Desenvolvimento do Estado do Ceará (Adece) (EMBRAPA ALGODÃO, 2018).

A meta é cultivar 2 mil hectares de algodão em Quixeramobim, Quixadá e Senador Pompeu, grandes produtores de algodão no passado. No primeiro ano, o programa deve integrar 500 produtores, com áreas de 3 a 40 hectares, com produtividade esperada entre 1,8 e 2 toneladas por hectare. Entre os incentivos para os agricultores cadastrados estão: a) fornecimento da semente; b) capacitação para o cultivo; c) articulação com a indústria de fiação para garantir mercado para a produção e d) financiamento pelo Banco do Nordeste e Banco do Brasil. Os técnicos a serem capacitados para assistir aos produtores do programa são da Ematerce, Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará, das prefeituras, do Centec, do Esplar e do Senar (EMBRAPA ALGODÃO, 2018).

CADEIA PRODUTIVA

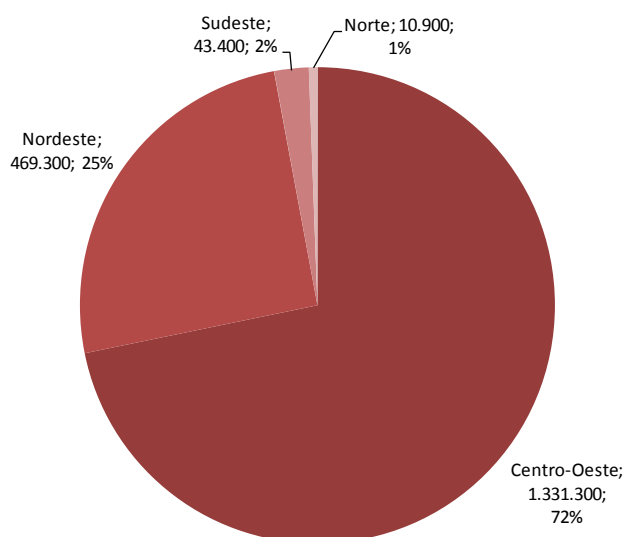
O Brasil é o quinto maior produtor mundial de algodão, atrás de Índia, China, Estados Unidos e Paquistão. Os cinco responderam por 77% do total da fibra produzida no planeta na safra 2016/2017. O País é também o quarto maior exportador mundial, atrás de Estados Unidos, Austrália e Índia (USDA, 2018). A produção mundial

para a safra 2017/2018 é estimada em 26,55 bilhões de toneladas, aumento de 14,2% sobre a última safra, de 23,25 milhões de toneladas. O consumo mundial também deve continuar o movimento de alta dos últimos cinco anos, subindo 5,2% em relação a 2016/2017 (de 24,99 para 26,29 bilhões de toneladas); mesmo assim, os estoques finais devem ficar 1,3% maiores (de 19,09 para 19,34 bilhões de toneladas).

A produção nacional prevista para a atual safra (2017/2018) é de 1,85 milhão de toneladas, numa área total de 1,14 milhão de hectares, números que sinalizam aumento na casa de 21% em produção e em área em relação à safra 2016/2017. A comercialização da safra 2016/2017, junto das boas perspectivas de mercado reforçam o otimismo do setor produtivo (CONAB, 2018b).

A maior produção nacional de algodão em pluma está no Centro-Oeste, com previsão de 1,33 milhão de toneladas para a atual safra. Em seguida, está o Nordeste, com 469,3 mil toneladas, o Sudeste com 43,4 mil toneladas e o Norte, com 10,9 mil toneladas (Figura 1, Tabela 1). No Nordeste, a previsão é de aumento de 20,1% na produção e de 28,4% em área, elevando-se de 390,7 mil toneladas na safra anterior para 469,3 mil toneladas na atual. A expectativa positiva se deve à possibilidade de melhoria nas condições climáticas. Nos três grandes produtores, Bahia, Maranhão e Piauí, a aumento de área deveu-se aos ótimos resultados obtidos na safra anterior, que estimularam o produtor a aumentar investimentos na cotonicultura, confiando na expectativa de um bom clima e de uma boa produtividade (CONAB, 2018b).

Figura 1 - Estimativa de produção de algodão da safra 2017-2018 (região; toneladas; percentual)¹



Fonte: CONAB (2018b).

Nota: (¹) previsão, em março/18.

O Mato Grosso é o maior produtor (previsão de 1,22 milhão de toneladas para a atual safra), seguido pela Bahia (419,6 mil toneladas). Só a previsão de produção do Mato

Grosso é 2,6 vezes a previsão nordestina; nos últimos dez anos, a produção do primeiro aumentou 74%, sobre uma base representativa, enquanto a do último aumentou 16%, puxada principalmente pelo aumento da produção baiana (13%) e maranhense (130%), fato que comprova

o resultado do esforço de migração da cotonicultura para os cerrados nas últimas décadas, notadamente para os nordestinos. Nos outros estados, a produção não chega a 50 mil toneladas (CONAB, 2018b).

Tabela 1 – Produção de algodão em pluma no Brasil, na última década, por regiões e estados selecionados, em mil toneladas

REGIÃO/UF	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18 Previsão (¹)
Norte	3,4	5,4	7,5	8,5	7,3	7,4	11,8	8,7	10,1	10,9
Nordeste	406,2	433,5	689,9	541,6	397,9	534,6	489,4	283,6	390,7	469,3
MA	16,0	16,8	27,7	28,8	26,2	30,4	34,1	33,0	35,2	36,8
PI	13,0	8,0	26,6	28,9	14,5	19,7	20,1	2,7	8,5	12,0
CE	1,0	0,7	1,1	0,1	0,1	0,5	-	0,1	0,2	0,2
RN	1,6	0,5	0,8	0,1	0,1	0,6	0,5	0,5	0,5	0,5
PB	1,3	-	0,3	-	-	-	0,1	-	0,1	0,2
PE	0,6	0,5	0,2	0,1	-	0,1	-	-	-	-
AL	0,2	0,2	0,1	-	-	-	-	-	-	-
BA	372,5	406,8	633,1	483,6	357,0	483,3	434,6	247,3	346,2	419,6
Centro-Oeste	766,4	726,7	1.187,2	1.259,8	869,7	1.152,2	1.029,2	963,9	1.102,3	1.331,3
MT	614,2	583,5	934,8	1.046,5	731,3	1.005,9	921,7	880,5	1.011,3	1.224,3
MS	57,2	55,8	89,2	84,6	68,1	63,3	55,3	48,3	49,1	53,9
GO	95,0	87,4	162,5	128,7	70,3	83,0	52,2	35,1	41,9	53,1
Sudeste	32,6	28,4	74,0	66,6	34,6	39,0	31,7	32,3	26,4	43,4
Sul	5,1	0,1	1,2	0,8	0,8	0,8	0,7	0,7	-	-
Brasil	1.213,7	1.194,1	1.959,8	1.877,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.529,5	1.854,9
Varição % ano a ano										
Nordeste		6,7	59,1	(21,5)	(26,5)	34,4	(8,5)	(42,1)	37,8	20,1
Centro-Oeste		(5,2)	63,4	6,1	(31,0)	32,5	(10,7)	(6,3)	14,4	20,8
Brasil		(1,6)	64,1	(4,2)	(30,2)	32,3	(9,9)	(17,5)	18,6	21,3

Fonte: CONAB (2018b).

Nota: (¹) previsão, em março/18.

A cadeia produtiva do algodão tem, no seu elo de insumos, antes da fazenda, os fornecedores de produtos relacionados ao solo, como sementes, fertilizantes, defensivos, corretivos, e os fornecedores de máquinas e/ou equipamentos, como colheitadeiras, tratores, implementos agrícolas, caminhões, combustível, peças e equipamentos de proteção individual. No elo da produção, após o plantio e a colheita, obtém-se a pluma e o caroço, que passam ao elo de beneficiamento, que transformam a pluma em fio e do caroço extraem línter, óleo, torta e farelo. O primeiro segue para indústrias de papel, celulose, química e farmacêutica, enquanto o óleo pode ser aproveitado para o biodiesel e indústria alimentícia, e a torta e o farelo seguem para a indústria de adubos e de ração animal. A distribuição cuida para que estes produtos cheguem aos consumidores finais, sejam eles pessoas físicas ou jurídicas, pelos canais de comercialização.

Segundo estudo de Neves et al. (2017), a movimentação financeira (soma dos faturamentos de cada elo da cadeia produtiva) do algodão, em 2016/2017, foi de US\$ 135,51 bilhões, sendo US\$ 1,34 bilhão no elo de insumos para a produção agrícola, US\$ 3,21 bilhões dentro da fazenda,

US\$ 130,91 bilhões no pós-porteira e ainda US\$ 48 milhões em empresas facilitadoras do funcionamento da cadeia (manutenções, corretagens e análises de pluma).

O algodão transgênico ocupa 80% da área plantada no País e apenas 4,3% dela é irrigada, fração muito menor que os 95% da Austrália, 80% da China e do Paquistão, 40% dos EUA e 15% da Índia. E, mesmo assim, a produtividade brasileira do algodão em pluma (1.561 t/ha) é o dobro da média mundial.

Cumprir destacar também, dentro do ambiente institucional da cadeia, o papel fundamental exercido por órgãos de pesquisa, tais como o Centro Nacional de Pesquisa do Algodão da Embrapa (Embrapa Algodão), sediado em Campina Grande-PB, que estuda o desenvolvimento de sistemas de produção e melhoria de cultivares de algodão, voltados tanto para o plantio convencional, como o orgânico, agroecológico e transgênico.

PREÇOS

O algodão é uma importante *commodity*² de exportação brasileira e tem como referências de preço internacional os índices *Cotton Outlook A* e o da bolsa de Nova York, e de preço nacional, o índice ESALQ-USP e o preço mínimo fixado pelo Governo Federal³.

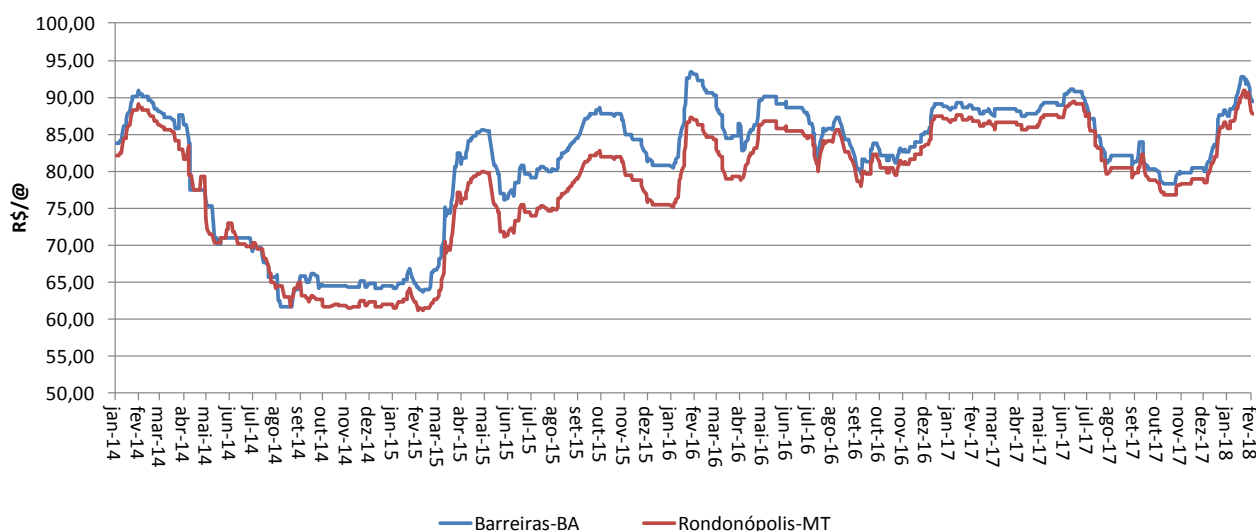
Ainda que o Comitê Internacional do Algodão (ICAC na sigla inglesa) preveja uma produção mundial maior que o consumo, as cotações internacionais seguem com viés de alta, já que a queda na relação estoque/consumo e a boa demanda mundial têm sustentado os preços. No mercado interno, a boa produção na última safra pressionou para baixo os preços, mas as exportações também cresceram 3,6% em relação a 2016, ajustando a oferta e a demanda no mercado interno. Em janeiro/18, a alta do algodão no atacado foi de 1,94% em relação a dezembro/17, mas, apesar da entressafra, as cotações não dispararam, pois as indústrias recuaram suas compras diante da valorização que a pluma nacional vinha obtendo nas últimas semanas (CONAB, 2018c).

Os preços internos são diretamente afetados pela demanda de algodão para exportação e pela qualidade do algodão comercializado; a demanda interna geralmente não tem problemas para ser suprida. Atualmente, estes preços estão em alta, pois as indústrias têxteis retomaram as atividades depois do fim de ano, com necessidade de refazer estoques, aumentando a demanda. A postura firme dos produtores também contribui para alta dos preços. Além disso, os preços do petróleo estão subindo, o que encarece as concorrentes diretas, as fibras sintéticas, também aumentando a demanda e o preço do algodão (CONAB, 2018c).

O gráfico a seguir demonstra a evolução dos preços do algodão no mercado interno, dados em R\$/@, em algumas das principais praças de produção da cotonicultura. Nos dois últimos anos, há uma tendência de crescimento dos preços da arroba, influenciada pela oferta de pluma e pela quantidade demandada pelo mercado.

Atualmente, o mercado interno está em compasso de espera, com negócios ainda lentos e as indústrias apenas repondo estoques e ofertando valores menores que os pedidos pelos vendedores, devido à falta de uniformidade dos lotes (CONAB, 2018d).

Gráfico 1 – Evolução dos preços internos do algodão, em praças selecionadas, 2014-2018



Fonte: CMA (2018).

² Produto homogêneo, padronizado, geralmente em estado bruto ou primário, mas com grande importância comercial e teoricamente negociado em condições de concorrência perfeita (mercado com muitos compradores e vendedores).

³ Os índices internacionais referem-se ao preço do algodão em pluma posto no norte da Europa, com custo, seguro e frete incluídos (CIF), em centavos de dólar (US\$/lp) por libra-peso (453,6g). O índice A é a média das cinco menores cotações entre 14 procedências diferentes, do tipo Middling (FILHO, 2001). O índice nacional é calculado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), a unidade acadêmica agrícola da Universidade de São Paulo (USP), dado em reais por arroba (15 quilos, R\$/@).

FINANCIAMENTOS DO BNB

Valor contratado

Nos últimos cinco anos, o BNB financiou R\$ 2,3 bilhões para o algodão no Nordeste, distribuídos em 514 operações de crédito, uma média de R\$ 4,52 milhões por operação (Tabela 2). A Bahia, maior produtor do Nordeste, foi o estado que mais recebeu recursos do BNB: foram contratados R\$ 2,02 bilhões, em 425 operações, volume quase sete vezes maior que a soma do que foi financiado aos outros estados, correspondendo a 87% do

total da Região. Tanto no cerrado quanto no semiárido, a Bahia supera, com grande diferença, a produção dos demais estados nordestinos, fato que justifica o grande direcionamento de recursos.

Outros estados se destacam em relação aos demais da Região: Maranhão e Piauí, que receberam, respectivamente, R\$ 153,7 milhões (6,6% do total) e R\$ 150,6 milhões (6,5%), no período 2013-2017. Depois da Bahia, são o segundo e terceiro maiores produtores regionais (Tabela 1), com o cerrado respondendo pela maioria da produção, já que o semiárido do Piauí tem produção irrisória de algodão, se retirada a do município de Sebastião Leal, que tem grandes fazendas produtoras. Apesar de estar geograficamente no semiárido, o município está na fronteira com o cerrado, podendo ser considerado uma zona de transição entre os dois biomas.

A maioria dos investimentos em cotonicultura do BNB foi direcionada a outras regiões, que não o semiárido, no período considerado (Tabela 3). Foram aplicados R\$ 2,27

bilhões, distribuídos em 436 operações fora do semiárido, correspondendo a 97,5% dos recursos financiados no período e obedecendo à lógica da produção da atividade, que se concentra nos cerrados nordestinos. R\$ 57,2 milhões foram investidos na cotonicultura do semiárido, em 78 operações de crédito.

Observando-se as contratações por porte do cliente, 44% dos financiamentos são dirigidos aos grandes produtores (R\$ 1,02 bilhão) neste período, distribuídos em 60 operações (Tabela 4). São os que têm escala para arcar com os custos de uma cultura cara, que exige insumos importados, maquinário específico e muitos cuidados no manejo. Os médios produtores vêm logo a seguir, com 40% do volume financiado (R\$ 927,6 milhões), em 156 operações, de 2013 a 2017. Os demais portes somam 16% de participação no total financiado pelo BNB no período, ou R\$ 375,9 milhões de reais. A participação dos médios produtores nos financiamentos ultrapassou a dos grandes em 2016-2017, enquanto a dos pequenos-médios subiu neste biênio.

Tabela 2 – Cotonicultura – Valor contratado por Estado, entre 2013 e 2017 (em mil R\$)

UF	2013		2014		2015		2016		2017		Totais	
	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor
BA	102	387.868,36	77	509.639,82	89	442.950,94	63	353.368,47	94	328.410,37	425	2.022.237,95
CE	11	270,96	2	48,18	1	19,27	-	-	11	5,44	25	343,85
MA	0	26.373,70	1	59.705,75	2	67.605,09	1	15,00	1	15,00	6	153.714,54
MG	1	14,74	-	-	-	-	-	-	13	33,44	14	48,18
PB	16	201,44	1	7,18	-	-	-	-	-	-	17	208,62
PI	5	49.846,56	7	62.773,05	1	16.490,75	1	15.613,95	7	5.835,08	21	150.559,40
RN	3	13,15	2	129,19	-	-	-	-	1	0,20	6	142,54
SE	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,77	1	0,77
Total	138	464.588,92	90	632.303,17	93	527.066,05	65	368.997,42	128	334.300,29	514	2.327.255,85

Fonte: BNB/Ambiente de Controle de Operações de Crédito (2018), elaborada pelo autor (ETENE/BNB).

Nota: Valores constantes, atualizados pelo IGP-M.

Tabela 3 – Cotonicultura – Valor contratado por sub-região, entre 2013 e 2017 (em mil R\$)

Sub-região	2013		2014		2015		2016		2017		TOTALS	
	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor
Não semiárido	105	447.904,35	84	614.465,04	87	515.552,98	64	362.256,16	96	329.877,78	436	2.270.056,31
Semiárido	33	16.684,57	6	17.838,13	6	11.513,07	1	6.741,26	32	4.422,51	78	57.199,54
Total	138	464.588,92	90	632.303,17	93	527.066,05	65	368.997,42	128	334.300,29	514	2.327.255,85

Fonte: BNB/Ambiente de Controle de Operações de Crédito (2018), elaborada pelo autor (ETENE/BNB).

Nota: Valores constantes, atualizados pelo IGP-M.

Tabela 4 – Cotonicultura – Valor contratado por porte entre 2013 e 2017 (em mil R\$)

Porte	2013		2014		2015		2016		2017		TOTALS	
	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor
Grande	11	170.441,46	13	313.641,64	11	259.130,42	9	154.561,54	15	125.989,87	60	1.023.764,93
Médio	26	186.262,58	22	232.197,87	33	196.729,38	26	164.068,09	49	148.358,07	156	927.615,99
Mini	33	495,07	7	243,96	5	125,73	1	15,00	30	50,94	67	930,70
Pequeno	21	15.616,66	8	6.062,28	10	5.401,27	5	3.612,26	7	1.664,64	51	32.357,11
Pequeno-médio	47	91.773,14	39	80.157,42	34	65.679,26	24	46.740,52	36	58.236,78	180	342.587,13
Total	138	464.588,92	90	632.303,17	93	527.066,05	65	368.997,42	128	334.300,29	514	2.327.255,85

Fonte: BNB/Ambiente de Controle de Operações de Crédito (2018), elaborada pelo autor (ETENE/BNB).

Nota: Valores constantes, atualizados pelo IGP-M.

O BNB financiou, via programas Não-PRONAF, quase que a totalidade dos recursos destinados à cotonicultura nordestina: R\$ 2,3 bilhões (ou 99,9%), em 482 operações, no período 2013-2017 (Tabela 5). Tais números têm relação direta com o fato dos clientes serem de grande e médio portes (84%), que não se enquadram nas condições

dos programas PRONAF (Tabela 4). Isso ocorre porque a cotonicultura é uma atividade de altos custos, onde uma minoria de grandes produtores garante a maior parte da produção colhida, o que demanda também maior volume de financiamento.

Tabela 5 – Cotonicultura – Valor contratado por Programa entre 2013 e 2017, em mil R\$

PROGRAMA	2013		2014		2015		2016		2017		TOTALS	
	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor	Op.	Valor
NÃO-PRONAF	112	464.326,42	88	632.267,59	91	527.030,71	64	368.982,42	127	334.285,29	482	2.326.892,43
PRONAF	26	262,50	2	35,58	2	35,34	1	15,00	1	15,00	32	363,42
TOTAL	138	464.588,92	90	632.303,17	93	527.066,05	65	368.997,42	128	334.300,29	514	2.327.255,85

Fonte: BNB/Ambiente de Controle de Operações de Crédito (2018), elaborada pelo autor (ETENE/BNB).

Nota: Valores constantes, atualizados pelo IGP-M.

TENDÊNCIAS

O aumento esperado na produção, em razão das boas condições climáticas e do mercado aquecido, pode esbarrar na questão da logística, ainda deficiente no País. São longas as distâncias de transporte para o algodão que é exportado, entre os principais centros produtores no Mato Grosso e na Bahia até o porto de Santos, dificuldade que se acentua diante dos recentes aumentos do óleo diesel, que oneram diretamente o frete.

Pensando nisso, em novembro de 2017, os produtores de algodão da Bahia viabilizaram uma alternativa de exportação pelo porto de Salvador, a 900 quilômetros, em média, dos centros de produção baianos, mais próximo que o de Santos, a 1.700 quilômetros. Após testes em 2017, em novembro seguiu o envio de 200 toneladas de pluma rumo à Turquia. Atualmente, ocorrem dois embarques por semana, um para o Norte da Europa e outro para o Mar Mediterrâneo, de onde há conexões para diversos países da Ásia, Oriente Médio e Oceania. Segundo Júlio Busato, presidente da Associação Baiana de Produtores de Algodão (ABAPA), a meta é aumentar o volume exportado e consolidar a rota, garantindo maior segurança no despacho e maior rentabilidade do produtor, reduzindo custos do frete até São Paulo e da estufagem de contêineres (GLOBO RURAL, 2018).

Há grande mobilização da cadeia produtiva em torno de uma agenda estratégica para tornar a cotonicultura ainda mais competitiva, principalmente via redução de custos de produção, redução dos custos de controle de pragas e doenças, ampliação do plantio direto, engenharia genética de sementes (geração e plantas mais produtivas e resistentes a agentes biológicos e estresses ambientais), avanços na tecnologia das máquinas agrícolas, uso de drones e vants para controle por imagem e aplicação localizada de produtos. Essa agenda deve incluir ainda: aplicações a taxas variáveis de fertilizantes e defensivos, com uso de engenharia, máquinas e softwares de mapeamento, para otimizar o uso desses insumos, caros e geralmente importados; redução no tempo médio do registro de defensivos; fortalecimento do crédito rural e seguro para a produção; abertura de novos mercados

para a pluma de algodão (75% das exportações brasileiras destinam-se a seis países, somente); melhoria na qualidade da pluma e fortalecimento da governança da cadeia produtiva (NEVES et al, 2017).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO MATOGROSSENSE DOS PRODUTORES DE ALGODÃO - AMPA. **História do Algodão**. Disponível em: http://www.ampa.com.br/site/qs_historia.php. Acesso em: 04 fev. 2017.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA - CEPEA. **Agromensal: Algodão**, janeiro/2017. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/categoria/acessar/algodao-4.aspx>. Acesso em: 24 fev. 2017.

CMA CONSULTORIA, MÉTODOS, ASSESSORIA E MERCANTIL S.A. **Trading Analysis Information**. São Paulo: CMA, 2018.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. **Séries históricas**. Disponível em: http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1252&&Pagina_objcmsconteudos=2#A_objcmsconteudos. Acesso em: 04 fev. 2018a.

_____. **6º. Levantamento da safra brasileira de grãos 2017/2018**. Disponível em: http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/18_03_08_09_04_35_grao_marco_2018.pdf. Acesso em: 13 fev. 2018b.

_____. **Conjuntura mensal: algodão, janeiro 2018**. Disponível em: http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/18_02_09_15_40_24_algodao_-_janeiro_-_conjuntura_mensal.pdf. Acesso em 22 fev. 2018c.

_____. **Conjuntura semanal: algodão, período 19 a 23/01/2017**. Disponível em: http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/18_03_01_15_03_52_08_conjuntura_de_algodao_19_a_23_02_2018.pdf. Acesso em 07 mar. 2018d.

EMBRAPA ALGODÃO. Notícias. **Projeto busca fortalecer cultura do algodão na agricultura familiar na Paraíba**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/algodao/busca->

de-noticias/-/noticia/9870162/projeto-busca-fortalecer-cultura-do-algodao-na-agricultura-familiar-na-paraiba. Acesso em: 07 mar. 2018.

FILHO, J.B.S. **A comercialização de algodão do Brasil**. In: EMBRAPA AGROPECUÁRIA OESTE. Algodão: Tecnologia de produção. Dourados: Embrapa Agropecuária Oeste, 2001, p. 5-53.

GLOBO RURAL. **Oeste baiano consolida nova rota de exportação do algodão via Salvador**. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/Algodao/noticia/2018/02/oeste-baiano-consolida-nova-rota-de-exportacao-do-algodao-salvador.html>. Acesso em

6 mar. 2018.

NEVES, M. F.; PINTO, M. J. A.; MOURA, A. A. **Tendências e agenda estratégica da cadeia do algodão**. Publicado em: 08 dez. 2017. Disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/artigos/artigos-geral/203983-tendencias-e-agenda-estrategica-da-cadeia-do-algodao-por-marcos-fava-neves.html>. Acesso em: 9 mar. 2018.

USDA (2018). **Cotton World Supply, Use and Trade**. Março. Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/data/cotton-world-markets-and-trade>. Acesso em 9 mar. 2018.

ANÁLISES DISPONÍVEIS

- [Setor sucroenergético nordestino](#)
- [Shopping Centers](#)
- [Petróleo e gás natural](#)
- [Cajucultura nordestina continua em declínio](#)
- [Rochas ornamentais: novas perspectivas de investimento](#)
- [Textile industry \(english version\)](#)
- [Produção de Grãos: Feijão, milho e soja](#)
- [Turismo no Nordeste: Aspectos Gerais](#)
- [A adaptação do Nordeste ao cenário de modernização da cocoicultura](#)
- [Indústria petroquímica](#)
- [Infraestrutura de saneamento na região Nordeste](#)
- [Desempenho da apicultura nordestina em anos de estiagem](#)
- [Produção de grãos: grandes desafios do agricultor brasileiro](#)
- [Produtor de café no Brasil: mais agro e menos negócio](#)
- [Semiárido: Setores estratégicos e o déficit na produção de bens finais](#)
- [Retrato da Silvicultura na área de atuação do Banco do Nordeste](#)
- [Potencialidades da energia eólica no Nordeste](#)
- [Indústria de bebidas alcóolicas](#)
- [Agroindústria sucroalcooleira](#)
- [Indústria da construção civil](#)
- [Indústria de Alimentos](#)
- [Logística de armazenagem: Produtos químicos](#)
- [A Indústria de vidros planos](#)
- [Indústria petroquímica](#)
- [Análise dos fluxos de comércio no semiárido](#)
- [Indústria de autopeças](#)
- [Agroindústria da carne no Nordeste](#)
- [Energia solar no Nordeste](#)
- [Carcinicultura no Nordeste: velhos desafios para a geração de emprego e renda](#)
- [Matriz de Insumo-Produto do Nordeste: demanda final doméstica](#)

PRÓXIMAS ANÁLISES

- Saúde pública e privada
 - Economia criativa: artesanato
 - Energia térmica
 - Cerâmica vermelha
 - Grãos
 - Energia eólica
 - Energia solar
 - Citricultura
 - Agroindústria de alimentos
 - Floricultura
 - Agroindústria da carne
 - Olericultura no Nordeste
-